

# **Educação e sustentabilidade socioambiental no Estado do Acre na Amazônia brasileira**

Heitor Queiroz Medeiros  
Michèle Sato

**Resumo:** Este trabalho se propõe a entender o processo de construção do ideário dos povos da floresta, principalmente dos seringueiros da Amazônia Acreana, capitaneados pelo olhar e liderança de seu líder Chico Mendes. A história de luta de seu povo para sua inserção ao território brasileiro, bem como um aprofundamento do processo de lutas dos seringueiros e povos indígenas em suas florestas é o fio condutor para a compreensão do modo de vida do Acre. Esse mergulhar possibilitou um entendimento de que a luta dos povos da floresta acontece em sua plenitude prenhe de um teor educativo ambiental intrínseco em suas ações radicais, como os “empates”. A luta socioambiental dos povos da floresta vem a ser um processo educativo contínuo, permanente e em contato direto com a floresta amazônica, laboratório de vivência e práticas desse povo simples e de uma sabedoria ímpar.

**Palavras-chave:** Acre. Amazônia. Sustentabilidade. Chico Mendes. Povos da floresta

## **Education and social environmental sustainability in the State of Acre, Brazilian Amazonia**

**Abstract:** This work if considers to understand the process of construction of the forest people ideologies, mainly rubber men os Acre, Amazon, commanded for the political view and leadership of its Chico leader Mendes. The history of fight of its people for its insertion to the Brazilian territory, as well as a deepening of the process of fights of the rubber men and indigenous peoples in its forests is the conducting wire for the understanding in the way of life of the Acre. The social and environmental fight of the peoples of the forest comes to be a continuous, permanent educative process and in direct contact with the Amazonian forest, practical laboratory of experience and of this simple people and an uneven wisdom.

**Keywords:** Acre. Amazon. Sustainability. Chico Mendes. Forest people.

## O Estado do Acre no contexto da Amazônia

O estado do Acre faz parte da Bacia Amazônica, com a floresta recobrendo todo o território banhado pelos rios Acre, Acuriã, Amônia, Aparição, Breu, Caeté, Caipora, Chandless, Envira, Embirá, Gregório, Grajaú, Humaitá, Iaco, Jurupari, Juruá, Juruá-Mirim, Ouro Preto, das Minas, Moa, Muru, Natal, Paraná dos Mouras, Paratari, Purus, São Luiz, São João, Tarauacá, Tejo, Valparaíso e Xapuri. Os mais importantes são: Juruá (nasce no estado), Tarauacá, Muru, Envira e Xapuri, que atravessam o estado em cursos praticamente paralelos.

Possui uma superfície de 152.581,388 km<sup>2</sup>, correspondente a 3,9% da Amazônia brasileira e a 1,8% do território nacional, sendo um dos menos populosos, com 5.558.526 habitantes, estando situado num planalto com altitude média de 200 m, localizado a sudoeste da região Norte, entre as latitudes de 7°06'56"N e longitude 73° 48' 05"N, latitude de 11° 08' 41"S e longitude 68° 42' 59"S, fazendo divisa com os estados do Amazonas (N) e Rondônia (L) e fronteira com a Bolívia (SE) e o Peru (S e O), de acordo com o censo 2000 do IBGE.

O Acre é o responsável pela metade da borracha produzida na região Norte do país, a partir da seringueira (*Hevea brasiliensis*), com aproximadamente 2,7 mil toneladas por ano, sendo o maior produtor brasileiro, produzindo também quase 10 mil toneladas anuais de castanha da Amazônia, o que significa aproximadamente um terço de toda a produção de castanha na região Norte do país.

O estado do Acre, ainda hoje, tem a sua economia baseada nas atividades extrativistas, principalmente na seringa e castanha da Amazônia, bem como nas culturas de subsistência, como arroz, feijão, milho, mandioca e banana.

O Acre foi a última região a ser incorporada ao território brasileiro, estando duas horas a menos que o horário oficial de Brasília e, portanto, no quinto fuso horário em relação a Greenwich.

A história da presença humana na região hoje denominada de estado do Acre tem o seu início com a chegada dos índios dos troncos linguísticos Pano e Aruaque vindos do Peru pelo rio Ucayali, fugindo da perseguição espanhola, chegando à região dos rios Juruá e Purus, sendo que ao tronco Pano pertencem as etnias Arara, Jaminauá, Kaxarari, Kaxinauá, Nukini e Poyanáwa, e ao tronco Aruaque pertencem as etnias Kampa e Kulina.

A história registra que os povos indígenas foram os primeiros humanos a saborearem com sabedoria esta floresta, em toda a sua dimensão, não poderiam deixar neste ritual gastronômico de incorporarem a ingestão da ayahuasca ou auasca, um chá feito da efusão do cipó (*Banisteriopsis caapi*) e folhas de (*Psychotria Viridis*), tirando daí a sabedoria que alimenta a espiritualidade e protege o corpo, dando boa saúde a esse povo.

Existem registros confirmando que em 1851 o botânico inglês Richard Spruce se encontrou com os índios Tucano nas margens do rio Vaupés, na Amazônia brasileira, tendo o acontecimento sido celebrado em ritual com a ingestão de um chá de nome *caapi*, que diziam provocar visões.

Os índios Aruaque dominavam a bacia do rio Purus e os índios Pano dominavam a região do rio Juruá. Os índios Aruaque chegaram primeiro que os Pano a região do Juruá. No ano de 1892 os índios Kanamari, Manitereri e Apurinã, do tronco-lingüístico Aruaque já se encontravam localizados nos rios Juruá e Purus, mas predominavam no Purus, ocupando as margens dos rios Iruxi, Acre e Iaco. Os índios Remo, Arara, Inuquinin, Karipuna, Pacauara, Jaminauá e os valentes Naua, do tronco lingüístico Pano, em 1892 ainda ocupavam a região dos rios Juruá, Tarauacá e Envira. (SOUZA, 2002, p. 30)

Os seringueiros, que serviram como instrumento de seringalistas para desalojar estas etnias de suas terras para transformá-las em seringais produtores do látex, com potencial econômico viabilizador do enriquecimento destes seringalistas, de comerciantes do Amazonas e do Pará, foram trazidos do Nordeste de ambiente totalmente diverso do amazônico para aprenderem a aprender a viver na e com esta floresta e comerem e serem comidos da e pela floresta, também com grande sabedoria e prazer.

A região do Acre, pelos tratados de Madri (1750) e de Santo Ildefonso (1777), assinados pelas coroas portuguesa e espanhola, pertencia à Bolívia e, por meio do Tratado de Ayacucho (1867), que buscava resolver as questões de limites entre os dois países, acabou trazendo à tona a questão do Acre pertencer ou não ao Brasil.

A disputa pelo território do Acre vai se dar mais por determinação de seus novos habitantes, nordestinos, que fugindo da seca e atraídos pelo econômico da borracha, um produto que no final do século XIX alcançava preços altos nos mercados internacionais, do que propriamente por interesse do governo brasileiro.

Numa situação de desinteresse por parte do governo brasileiro e tampouco por parte da Bolívia, em 1899 o Acre é proclamado estado independente pelo espanhol Luiz Galvez, financiado por um grupo de seringalistas e pelo próprio governo do Amazonas. Em 1901, a Bolívia cede a área a um grupo norte-americano, formando a Syndicate of New York, que fica encarregado da colonização e exploração da borracha na região do Acre, em troca de auxílio militar e econômico ao país. Em face desse ocorrido, o Brasil vai suspender as relações comerciais com a Bolívia, havendo a suspensão das navegações entre os dois países (GONÇALVES, 1999).

O Acre iria ter ainda mais um movimento de independência com o gaúcho José Plácido de Castro (1873-1908), militar que vai encostado como castigo para o Acre, ex-aluno da Escola Militar de Porto Alegre, agrimensor já estabelecido há alguns anos na região e que arregimenta alguns grupos de seringueiros e toma Xapuri em 1902. Em 1903, ocupam Puerto Alonso e, mais uma vez, proclama o Estado Independente do Acre, sendo dissolvido logo depois por tropas do governo brasileiro.

Em 17 de novembro de 1903 chega ao fim esta disputa, por meio do Tratado de Petrópolis, em que a Bolívia renuncia as suas pretensões sobre o Acre em troca de uma indenização de dois milhões de libras esterlinas com o Brasil, obrigando também a construir a Estrada de Ferro Madeira-Mamoré.

O extrativismo da borracha amazônica entra em declínio com a opção dos industriais ingleses em produzir a borracha por um preço mais baixo através da produção do látex dos seringais plantados na Malásia, que tinham sido viabilizados através do contrabando de toneladas de sementes de seringueiras, da Amazônia acreana, por um inglês chamado Henry Wichham, em 1876, sendo elas preparadas na Inglaterra e posteriormente plantadas na Malásia, sendo considerado até hoje uma dos maiores ações de biopirataria praticada contra a Amazônia e a soberania acreana e brasileira.

Com o advento da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e a ocupação dos seringais da Malásia pelos Japoneses, que lutavam ao lado da Alemanha e da Itália contra os Estados Unidos, Inglaterra e França, os seringais no estado do Acre voltaram a ter um novo surto econômico, pois passaram a produzir novamente para os países aliados a matéria-prima principal para a guerra, que era a borracha.

Naquele momento, surge o “soldado da borracha”, homens e mulheres na ordem de aproximadamente 55.000 pessoas que se transferiram de estados nordestinos para a Amazônia, principalmente a acreana, para integrarem-se na contribuição brasileira aos aliados na produção da borracha necessária e indispensável ao modelo de guerra daquele período (SOUZA, 2002).

Esse saborear a floresta por meio do extrativismo acontece em uma escala que possibilitou a mesma se manter em sua integridade biológica, trouxe impactos em pequena escala, compatíveis com um modo de vida ligada às necessidades básicas da subsistência das espécies ali presentes, inclusive a humana, e esse estar gastronômico garantiu a exuberância desse ecossistema com dimensões continentais e com reconhecimento de sua importância para a manutenção da biodiversidade e como espaço de vida de povos únicos e peculiares.

Segundo Gonçalves (1999), o avanço do capital em sua forma mais moderna e gananciosa, na busca de acumulação de riqueza, a partir da década de 1970 tem criadas as condições para a sua entrada através do avanço da agropecuária, visto que falidos os seringalistas, tornaram-se alvo fácil dos pecuaristas do Centro-Sul do país, que investiram na compra de terras para a criação de gado e a exploração de madeira nos anos de 1970 e 1980, expulsando milhares de seringueiros da mata e iniciando um ciclo frenético de um apetite voraz e insaciável de cada vez mais desmatamentos para a consolidação de fazendas de gado, produtoras de enriquecimento vertiginoso quase sempre financiado por dinheiro público através da Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM).

A expansão da frente agropecuária e madeireira foi acompanhada de uma série de problemas graves, como os conflitos pelo acesso à terra e a outros recursos naturais, a exploração insustentável da natureza, bem como o crescimento desordenado das cidades.

Após ter enfrentado desde o início o autoritarismo e a exploração do seringalista, em regime de escravidão e semiescravidão, os seringueiros passavam a lutar contra grandes fazendeiros, para preservar a floresta em pé, fonte de sua sobrevivência, extraindo látex ou coletando castanha.

### **Chico Mendes e seus companheiros dão visibilidade à luta dos povos da floresta**

Chico Mendes emerge nesse contexto, representando um grupo enorme de seringueiros

que começavam a relacionar a luta pela terra com a questão ecológica. O mártir da floresta teve a habilidade de costurar alianças com diferentes segmentos da sociedade civil, desde técnicos do governo estadual, sensíveis em pensar novas opções econômicas para a exploração sustentável da mata, a ambientalistas de ONGs estrangeiras, sem deixar de lado o envolvimento na política local, por meio da militância no Partido dos Trabalhadores.

A luta dos seringueiros pelas reservas extrativistas ecoou mundo afora, contribuindo decisivamente com a incorporação definitiva pelo movimento ambientalista da ligação umbilical entre defesa da floresta e das sociedades que nela vivem, há decênios e centenas de anos, ajudando a protegê-la.

Foi na década de 1970 que se estruturou a organização de resistência dos seringueiros, ao modelo de ocupação de suas terras, quando foram criados os Sindicatos dos Trabalhadores Rurais de Brasiléia e Epitaciolândia e o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri, com o apoio da CPT (Comissão Pastoral da Terra) e outras entidades civis, e, por meio deles, os seringueiros criaram sua mais poderosa forma de luta, o empate.

Suas ações apresentam como inovadoras a forma encontrada para fazer o enfrentamento com os responsáveis pelo desmatamento, criando a figura dos “empates” que tão eficientes se mostraram na paralisação do desmatamento de milhares de alqueires de floresta virgem onde tiravam o sustento de suas famílias.

Para empatar a derrubada de um seringal, os extrativistas juntavam as suas famílias e colocavam-se como barreiras humanas para impedir o ataque dos tratores e das motosserras. Nem sempre os empates eram bem-sucedidos, mas certamente significaram um aprendizado incalculável no processo de organização sindical, tomada de consciência da importância da floresta em pé e formulação da proposta da reserva extrativista.

Segundo Gonçalves (1999), a temática da educação ambiental não vai aparecer como tema central nas ações dos seringueiros nem tampouco nas propostas educacionais institucionais de seus líderes, que passam a participar da vida política local com cargos eletivos. O que acontece na prática é a participação destes líderes nas várias dimensões do processo de organização e mobilização da sociedade local, em que buscam conciliar o desenvolvimento socioeconômico com a preservação da floresta.

A cidade de Xapuri passa a ser o foco de observação de ecologistas brasileiros, como de outras partes do mundo, transformando-se em espaço privilegiado de atuação de instituições públicas, como as universidades, o IBAMA, a EMBRAPA, entre outras, bem como de Organizações Não-Governamentais (ONGs), como o Grupo de Pesquisa e Extensão em Sistemas Agroflorestais do Acre (Pesacre) e o Centro de Trabalhadores da Amazônia (CTA).

O Centro de Formação de Seringueiros na colocação Pimenteira, da Resex Chico Mendes, nasceu em 1995 por iniciativa da CAEX (Cooperativa Agroextrativista de Xapuri), AMOREX (Associação dos Moradores da Reserva Extrativista Chico Mendes) e o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri, com recursos do governo da Áustria, e sua grade curricular compunha-se de seis eixos básicos: gestão participativa, reforço à alfabetização, atividades de produção (apicultura, piscicultura e quintais produtivos), saúde, conhecimento da realidade histórica e avaliação de impactos ambientais. Os alunos passavam 15 dias nas instalações do Centro da Pimenteira e outros 15 nas casas de suas famílias.

O centro tem como objetivo a formação integral de adolescentes e jovens seringueiros, contemplando os vários aspectos da vida humana como a sexualidade, a importância de sindicatos e cooperativas, entre outros, lançando mão também da arte-educação e de oficinas para trabalhar certas questões como o controle da caça na mata, a fim de tornar sustentável a exploração dos recursos naturais.

Chico Mendes, em 1976, participa ativamente das lutas dos seringueiros para impedir desmatamentos através dos "empates", organizando também várias ações em defesa da posse da terra. Em 1977, participa da fundação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri, além de ter sido eleito vereador pelo Movimento Democrático Brasileiro (MDB) à Câmara Municipal local. Naquele mesmo ano, Chico Mendes sofre as primeiras ameaças de morte por parte dos fazendeiros, ao mesmo tempo que começa a enfrentar vários problemas com o seu próprio partido, o MDB, que não era solidário às suas lutas.

Em 1979, Chico Mendes transforma a Câmara Municipal num grande foro de debates entre lideranças sindicais, populares e religiosas, sendo por isso acusado de subversão e submetido a duros interrogatórios. Em dezembro do mesmo ano Chico é torturado secretamente, sem ter condições de denunciar o fato.

Com o surgimento do Partido dos Trabalhadores, Chico transforma-se num de seus fundadores e dirigentes no Acre, participando de comícios na região juntamente com Lula. Ainda em 1980, Chico Mendes é enquadrado na Lei de Segurança Nacional, a pedido dos fazendeiros da região que procuravam envolvê-lo com o assassinato de um capataz de fazenda que poderia estar envolvido no assassinato de Wilson Pinheiro, presidente do Sindicato dos Trabalhadores de Brasília.

Chico Mendes assume, em 1981, a direção do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri, do qual foi presidente até o momento de sua morte. Naquele mesmo ano, Chico é acusado de incitar posseiros à violência, sendo julgado no Tribunal Militar de Manaus e conseguindo livrar-se da prisão preventiva.

Em outubro de 1985, lidera o 1º Encontro Nacional dos Seringueiros, quando é criado o Conselho Nacional dos Seringueiros (CNS), do qual torna-se a principal referência. A partir de então, a luta dos seringueiros, sob a liderança de Chico Mendes, começa a ganhar repercussão nacional e internacional, principalmente com o surgimento da proposta de "União dos Povos da Floresta", que busca unir os interesses de índios e seringueiros em defesa da floresta amazônica, propondo ainda a criação de reservas extrativistas que buscassem preservar a própria floresta, ao mesmo tempo que garantissem a reforma agrária desejada pelos seringueiros.

Meses depois, Chico Mendes começa a receber vários prêmios e reconhecimentos, nacionais e internacionais, como uma das pessoas que mais se destacaram naquele ano em defesa da ecologia, como por exemplo o prêmio "Global 500", oferecido pela própria ONU.

Durante o ano de 1988, Chico Mendes, cada vez mais ameaçado e perseguido principalmente por ações organizadas após a instalação da UDR no Acre, continua sua luta percorrendo várias regiões do Brasil, participando de seminários, palestras e congressos, com o objetivo de denunciar a ação predatória contra a floresta e as ações violentas dos fazendeiros da região contra os trabalhadores de Xapuri.

Por outro lado, Chico participa da realização de um grande sonho: a implantação das primeiras reservas extrativistas criadas no estado do Acre, além de conseguir a desapropriação do Seringal Cachoeira, em Xapuri, de Darly Alves da Silva, mandante de seu assassinato. A partir daí, agravam-se as ameaças de morte, como o próprio Chico chegou a denunciar várias vezes, ao mesmo tempo em que deixava claro para as autoridades policiais e governamentais que corria



risco de vida e que necessitava de garantias, chegando inclusive a apontar os nomes de seus prováveis assassinos.

A clareza do papel social e ambiental para a gestão da floresta amazônica através das reservas extrativistas está presente no pensamento e na prática de Chico Mendes, como pode ser visto em sua entrevista publicada na *Revista Chico Mendes* (1989), publicada pela CUT e CNS, em que define o seu conceito bem como apresenta as reservas extrativistas como uma nova possibilidade de reforma agrária para o país, não mais a partir do conceito de propriedade privada e sim sob a ótica da propriedade coletiva, onde ninguém é dono e todos cuidam, com consciência, da importância ambiental e cultural da floresta e do povo que nela vive, sendo a floresta o ambiente de onde vêm as condições ambientais para a sobrevivência de todos.

A reserva extrativista é a reforma agrária dos seringueiros. É o reconhecimento de áreas de floresta, ocupadas tradicionalmente por seringueiros e outros extrativistas, como áreas de domínio da União, com usufruto exclusivo dos seringueiros organizados em cooperativas ou associações. Nas reservas extrativistas não há títulos individuais de propriedade. Nelas serão respeitadas a cultura e as formas tradicionais de organização e de trabalho dos seringueiros, que continuarão a realizar a extração de produtos de valor comercial como a borracha, a castanha e muitos outros, bem como a caça e a pesca não predatórias, juntamente com pequenos roçados de subsistência em harmonia com a regeneração da mata. As reservas extrativistas não serão áreas inviáveis economicamente: garantida a floresta, os seringueiros organizados aumentarão a produtividade, introduzindo inovações tecnológicas adequadas. Além disso, darão continuidade à criação de escolas, postos de saúde e cooperativas geridas por seringueiros. A reserva extrativista não é apenas a reforma agrária dos seringueiros, mas também uma forma de preservação da natureza pelos que dela dependem, e uma alternativa econômica para a Amazônia (REVISTA CHICO MENDES, 1989).

Uma vitória sem dúvida de Chico Mendes e seus aliados está expressa na inclusão das reservas extrativistas no Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC), no grupo das unidades de uso sustentável, além de várias unidades de conservação, entre elas cinco reservas extrativistas, foram criadas no estado do Acre, mas a heterotopia de Chico Mendes e seus aliados de consolidar na Amazônia em um espaço aliando preservação ambiental e desenvolvimento das comunidades que ali vivem ainda não foi consolidada, mas houve avanços significativos na consolidação de um sistema estadual de unidades de conservação bastante significativo.

A criação de áreas naturais protegidas no estado do Acre se justifica por sua situação privilegiada, estando situado na Ecorregião 4 do Sudoeste da Amazônia, na área de transição entre as Terras Baixas Amazônicas e a Cordilheira Andina, o estado do Acre destaca-se nessa

região por sediar uma grande variedade de ecossistemas e habitat, grande riqueza de tipologias vegetais, gradientes topográficos e tipos de solos.

Além da floresta tropical úmida, ocorrem outras fisionomias, como formações típicas de ambientes rochosos (na Serra do Divisor) e formações de ambientes secos sobre areias brancas (campinas e campinaranas) ao norte do município de Mâncio Lima. Possui a maior riqueza de palmeiras da Amazônia Ocidental: mais de 70% das espécies de palmeiras da região foram registradas no Acre. Ocorrem ainda florestas densas submontanas, de terra firme e aluviais, e florestas abertas de bambus, cipós, palmeiras, aluviais inundadas e não inundadas.

Há, ainda, outras tipologias de vegetação, estando identificadas cerca de 80 categorias de Unidades de Paisagem Biofísica (UPBs), no mapeamento realizado na escala de 1:1.000.000, demonstrando uma significativa diversidade de paisagens.

Além da diversidade mencionada, o Acre é o estado da Amazônia brasileira que mantém uma das maiores áreas de floresta tropical contínua intacta: somente 9,7% de sua cobertura florestal tinha sido desmatada até 1998, fato que aumenta o seu potencial para a conservação. O Acre sedia também o Corredor Ecológico do Oeste da Amazônia, considerado da mais alta prioridade para a conservação da biodiversidade no Brasil (MMA, 1998).

No Acre, existem hoje três unidades de conservação de uso indireto (incluindo as áreas verdes instituídas pelo poder municipal, somam-se sete UCs) e 15 UCs de uso sustentável. Na instância estadual temos quatro florestas, uma área de proteção ambiental e um parque estadual.

Para facilitar a gestão participativa das unidades de conservação e o monitoramento das demais áreas protegidas estaduais, foi criado o Sistema Estadual de Áreas Naturais Protegidas – SEANP (Lei Estadual nº 1.426 de 27 de dezembro de 2001). Originalmente, o projeto de concepção do SEANP inclui UC, TI e RL (Unidade de Conservação, Terra Indígena e Reserva Legal, respectivamente) como áreas protegidas passíveis de ser reconhecidas pelo sistema e de gozar dos benefícios estaduais que venham a ser oferecidos a este tipo de uso da terra.

A inexistência de um plano estadual de unidades de conservação pode ser apontada como uma das principais lacunas na política de proteção da diversidade biológica. Um plano do sistema de áreas protegidas conceitua e discrimina as categorias necessárias para atingir os objetivos da política de conservação, define os objetivos de manejo específicos para cada categoria, estabelece critérios para orientar a seleção de novas áreas a serem protegidas e critérios para analisar a

validade das unidades existentes quanto à sua inclusão no sistema, sua classificação e necessidade de transferência para outras categorias.

Para dar início ao plano do sistema estadual, é necessário elaborar o Cadastro de Unidades de Conservação do Estado, subsídio indispensável e prioritário ao desenvolvimento desse trabalho. Além de subsidiar o planejamento das UCs no estado e no país, este cadastro vem atender às demandas imediatas, tais como: oferecer referências ao licenciamento e monitoramento de atividades potencialmente degradadoras quanto à interveniência em áreas naturais sensíveis; possibilitar que as unidades de conservação sejam plotadas nas cartas oficiais; auxiliar no planejamento de projetos de desenvolvimento (expansão da malha rodoviária, ferroviária, entre outros).

Somando as áreas de proteção ambiental oficialmente reconhecidas pelo governo federal, estadual e municipal, o estado do Acre apresenta atualmente sete UCs de proteção integral, representando 1.733.415 ha (10.52% da área do estado) e 15 UCs de uso sustentável, atingindo 4.045.569 ha (24.7% da área do estado). Somando estas áreas aos 2.167.146 ha (13.1%) das terras indígenas, o estado do Acre possui 48.32% de seu território protegido pelas UCs.

A contribuição de Chico Mendes ao processo de conservação da Amazônia, principalmente da Amazônia acreana, cada vez mais lhe trouxe problemas face às reações contrárias das elites locais, lideradas no momento pela União Democrática Ruralista (UDR), colocando cada vez mais a sua vida em perigo, da mesma maneira que diversas outras lideranças já assassinadas no estado, principalmente a partir da década de 1980.

No 3º Congresso Nacional da CUT Chico Mendes voltou a denunciar sua situação de risco de vida, juntamente com a de vários outros trabalhadores rurais de todas as partes do país. A situação é a mesma, a violência criminosa tem a mão da UDR de Norte a Sul do Brasil. No mesmo Concut, Chico Mendes defendeu a tese apresentada pelo Sindicato de Xapuri, "Em Defesa dos Povos da Floresta", aprovada por aclamação por cerca de 6 mil delegados presentes. Ao final do Congresso, ele foi eleito suplente da direção nacional da CUT.

Chico Mendes foi assassinado em dezembro de 1988, deixando além de sua luta, uma mulher Ilzamar Mendes e dois filhos, Elenira de quatro anos e Sandino de dois anos. Assumiu seu lugar na presidência do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri o seu vice-presidente, o seringueiro Júlio Barbosa, que também ocupava a função de presidente da Cooperativa

Agroextrativista de Xapuri. Sua atuação nesse processo vai levá-lo a liderar, junto com outras pessoas, a criação do Grupo de Trabalho Amazônico (GTA) no âmbito do PPG-7 – Programa-Piloto para a Proteção das Florestas Tropicais do Brasil, iniciativa do governo e da sociedade brasileira, em parceria com a comunidade internacional, que tem como finalidade o desenvolvimento de estratégias inovadoras para a proteção e o uso sustentável da floresta amazônica e da Mata Atlântica.

Sua atuação como liderança dos seringueiros, dentro de um quadro de mudanças substanciais das forças políticas no estado do Acre possibilitou a sua eleição como prefeito de Xapuri pelo Partido dos Trabalhadores, em 1996, fato inédito e impensável até poucos anos atrás, colocando os seringueiros em lugar de destaque nas definições das políticas públicas locais.

*O Chico tinha muito essa preocupação de envolver os seringueiros e os índios, porque como a discussão era a criação de reservas extrativistas, era criar um modelo de reforma agrária diferenciado para os seringais da Amazônia, e a referência que o Chico sempre achava que podia ser a combinação era as terras indígenas e como já tinha algumas terras indígenas demarcadas ele tinha essa convicção. Ela tinha uma convicção muito clara... quando mais aliados melhor... o Chico não tinha a concepção da galinha... que cisca para traz... a concepção do Chico era de juntar... só era possível conquista a partir da união... o conceito do empate era estar todo mundo junto...<sup>1</sup>*

O depoimento de Ailton Krenak, coordenador da União das Nações Indígenas, para a *Revista Chico Mendes* (1989) editada pelo Sindicato do Trabalhadores Rurais de Xapuri (CTR), Conselho Nacional dos Seringueiros (CNS) e Central Única dos Trabalhadores (CUT), em janeiro de 1989 expressa bem a importância de Chico Mendes na articulação entre os seringueiros e os povos indígenas.

*A melhor maneira de se entender um pouco o significado da luta de Chico Mendes é prestar atenção num pequeno episódio da nossa, índios e seringueiros, história recente. O Acre é uma região da Amazônia onde até a década de 1970 não havia qualquer reconhecimento da existência das populações indígenas. As antigas áreas indígenas das doze tribos daquela região tinham se transformado em seringais sob controle dos coronéis da borracha e os índios em escravos destes seringais.*

*Os seringueiros, historicamente, tinham se constituído numa espécie de guarda dos padrões no processo de domesticação dos índios e chegaram a ser aliciados para fazerem guerras punitivas contra grupos indígenas pelo resgate de sua condição e retomada do domínio de*

---

<sup>1</sup> Entrevista com Júlio Barbosa, substituto de Chico Mendes no Sindicato dos Trabalhadores Rurais após seu assassinato, ex-presidente do Conselho Nacional dos Seringueiros (CNS), ex-prefeito de Xapuri e atualmente vice-presidente do CNS no Estado do Acre. Entrevista gravada em Xapuri – AC em 04/02/2006, em gravador Powerpack Digital Player DVR–SD3850.

*seus territórios. O movimento dos seringueiros, liderado por Chico Mendes, teve a sensibilidade de superar esta histórica inimizade manipulada pelos patrões e lançar as bases da atual aliança dos povos da floresta, que o Chico resumia assim: "Nosso povo é o mesmo povo, nós não somos mais brancos. Temos uma cultura diferente da dos brancos e pensamos diferente dos civilizados. Aprendemos todas as nossas necessidades básicas e já criamos uma cultura própria, que nos aproxima muito mais da tradição indígena do que da tradição dos 'civilizados'. Nós já sabemos disso, agora o Brasil precisa saber disso. Nunca mais um companheiro nosso vai derramar o sangue do outro, juntos nós podemos proteger a natureza que é o lugar onde nossa gente aprendeu a viver, a criar os filhos e a desenvolver suas capacidades, dentro de um pensamento harmonioso com a natureza, com o meio ambiente e com os seres que habitam aqui.*

O jornalista acreano Élson Martins, em artigo publicado no jornal *Folha do Amapá*, em 10 de dezembro de 2004, na coluna *Voz das Selvas*, a partir de seu vasto conhecimento sobre a vida de Chico Mendes, por ter sido um dos seus parceiros na divulgação para a mídia nacional dos acontecimentos e lutas dos seringueiros liderados por Chico Mendes e seus companheiros, na defesa da floresta, vai mostrar a sua importância para o estado do Acre.

*O Acre cresceu muito com a ajuda de Chico Mendes: 30 por cento de seus 15 milhões de hectares foram transformados em reservas e assentamentos extrativistas, em parques nacionais, áreas indígenas e florestas estaduais protegidas por legislação ambiental. Não existem mais seringueiros e ribeirinhos ou índios ameaçados por proprietários de terras. Os povos da floresta são livres no centro e na margem, e organizam-se para construir a sociedade sustentável que lhes convém.*

*Mesmo assim, acontecem sobressaltos que incomodariam Chico Mendes. A vida moderna é tocada com muita pressa e prioriza uma mídia regional, nacional e internacional que confunde as pessoas desatentas. Pior, mata os sonhos e sufoca a tradição que fez o Acre diferente e atraente. Cresce entre as pessoas que reverenciam Chico Mendes a preocupação com a utilização de seu nome em vão.”<sup>2</sup>*

A consciência da importância da educação na libertação dos povos da floresta está presente em depoimentos registrados em diversas entrevistas com seringueiros que participaram da luta dos povos da floresta junto com Chico Mendes, como o depoimento do seringueiro e hoje também, além de seringueiro, professor Pedro Teles de Carvalho, que foi o secretário do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri, na gestão em que seu presidente, Chico Mendes, foi assassinado, tendo participado ativamente da Escola do Seringueiro, primeiro como aluno e

---

<sup>2</sup> Entrevista com o jornalista Élson Martins, ex-correspondente do Jornal O Estado de São Paulo, no Acre, que acompanhou e publicou a nível nacional matérias sobre Chico Mendes e a luta dos Seringueiros na Amazônia e principalmente no Acre. Entrevista gravada em Rio Branco – AC em 02/02/2006, em gravador Powerpack Digital Player DVR–SD3850.

posteriormente como professor, estando trabalhando na floresta e ensinando até hoje.

Nascido em Xapuri no Seringal São Pedro, na colocação Estrema no Alto rio Xapuri, tem hoje 55 anos. Filho de seringueiro nordestino que veio do Piauí, cortou seringa a partir dos nove anos de idade, acompanhando o pai e os meeiros; a partir dos 12 anos cortava seringa sozinho, e até o final da década de 1980, dependia exclusivamente do corte da seringa para a sua sustentação. Começou a militar no início do movimento dos seringueiros, tendo participado da fundação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Brasiléia e Epitaciolândia, em 1985, e da fundação, em 1987, do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri.

*... a igreja católica tinha o trabalho das comunidades eclesiais de base... aí ficou discutindo as questões sobre os direitos do homem, do posseiro, na época se pagava a renda ao patrão.. aí foi uma das coisas que se trabalhou para extinguir a renda do patrão, porque a gente já tava praticamente autônomo, o patrão já não bancava muita coisa, então não tinha mais direito de pagar renda, aí depois partimo para a luta da posse da terra, chegou a questão dos empates, que na época tava chegando os sulistas, aqui se chamava sulistas as pessoas que vinha do sul comprar terra, comprava os seringais a´i expulsava os seringueiros de sua colocação, a conseguiu ter essa resistência né?, e depois, a resistência pela posse da terra, depois foi a vez do empate pelo não desmatamento, que foi quando o Chico tava aqui sendo presidente do sindicato, inclusive ele era presidente e eu era secretário geral do sindicato... isso foi em oitenta e cinco...<sup>3</sup>*

É exemplar a experiência desse seringueiro educador socioambiental, mesmo que ele não se denomine assim, mas o compromisso e a responsabilidade com a educação e a prática voltada para a busca pela formação de seres humanos que construam sua sobrevivência neste planeta num diálogo inteligente com o ambiente natural onde vive e atua, em toda sua trajetória de envolvimento com as lutas e conquistas dos extrativistas do estado do Acre e assumidamente um educador a serviço de sua comunidade, tendo participado desde o início do projeto seringueiro, que vai ser uma proposta/ação totalmente radical e avançada em projetos educacionais, sendo responsável pela formação de lideranças populares e seus filhos, a partir de temas ligados a seu interesse e em diálogo com a floresta que lhes sustenta, procurando tirar os mesmos do analfabetismo que também contribui para o processo de exploração por seus patrões.

*... uma outra coisa interessante que aconteceu na época, em oitenta e três, quando eu passei a trabalhar na educação, foi a criação das escolas pra seringueiro, isso visano educar o seringueiro, pra que ele, alfabetizar pra que ele sobesse no mínimo as 4*

---

<sup>3</sup> Entrevista gravada em Xapuri – AC em 04 de Fevereiro de 2006 com o professor e seringueiro Pedro Teles de Carvalho, em gravador Powerpack Digital Player DVR–SD3850.

*operações de conta, pra fazer o acerto da comercialização, pra ele tá entendendo.... e hoje foi um fruto muito grande, né? que surgiu dessa semente, foi primeiro implantado umas duas escolas... isso aí foi a partir da Mary Alegrete... depois aconteceu a fundação do CTA, Centro dos Trabalhadores da Amazônia, que foi criado dentro do CTA, o Projeto Seringueiro... o projeto da própria organização, a partir daí foi criado mais as duas escolas, o pessoal de minha comunidade me escolheu como professor, fiz o treinamento, inclusive passei uns 3 anos, de 83 a 86, a maioria de 86 eu trabalhei sem contrato nenhum, sem receber, só pela boa vontade, fui contratado em maio de 86... cortava seringa, trabalhava na roça, também no movimento, no sindicato, e hoje já perdemos algumas coisas que a gente conquistou, mas outras graças a Deus, as escolas aumentou muito na zona rural, a gente hoje já tem até iniciação da quinta a oitava série, tamos trabalhando para que o ensino médio seja implantado...<sup>4</sup>*

O Projeto Seringueiro, que é o Programa de Educação do Centro dos Trabalhadores da Amazônia (CTA) apresenta-se como uma das experiências mais bem-sucedidas no estado, podendo sem dúvida ser considerado modelo para uma educação ambiental que se pretenda ensinar e aprender a partir dos conhecimentos da floresta e vem sendo realizado desde 1981, sob o compromisso de desenvolver uma proposta pedagógica compatível com a realidade sociocultural das populações que vivem na floresta. As atividades do projeto são desenvolvidas em 27 escolas, sendo 22 em Xapuri, três na reserva extrativista de Porto Dias, em Acrelândia, e duas na Floresta Nacional de Macauã.

A proposta começou a ser desenvolvida conjuntamente com o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri, com a finalidade de mobilizar a sociedade civil e o estado para levar escolas ao interior da floresta. Chico Mendes foi uma das pessoas que conceberam o projeto e o iniciou na década de 1980.

Nos últimos anos, particularmente desde 1995, tem-se concentrado maior esforço na sistematização de uma proposta de capacitação de professores leigos – que são escolhidos pelas comunidades onde irão trabalhar – e na elaboração de materiais didáticos adequados para a realidade das populações tradicionais extrativistas. Por meio de convênio firmado com a Secretaria Municipal de Educação de Xapuri, o Projeto Seringueiro foi transformado em referência para o ensino fundamental da cidade. Segundo a equipe, a proposta pedagógica diferenciada para os povos da floresta é um instrumento importante para evitar a repetência.

---

<sup>4</sup> Entrevista gravada em Xapuri – AC em 04 de Fevereiro de 2006 com o professor e seringueiro Pedro Teles de Carvalho, em gravador Powerpack Digital Player DVR–SD3850.

O meio ambiente é tratado no conjunto de temáticas do programa do professor. No início do projeto havia uma grande ênfase sobre a questão ambiental, com muitos textos e desenhos falando de mata, bichos e etc. Ultimamente, as escolas estão reforçando o tratamento de questões urbanas, pois percebeu-se que o aluno não quer ficar sabendo apenas coisas de sua realidade, pois tem necessidade de aprender coisas da cidade, para onde vai periodicamente.

Alguns dos resultados alcançados pelo projeto, segundo o CTA, bastante significativos, são os seguintes: a taxa de evasão dos alunos das escolas rurais orientadas pedagogicamente pelo CTA é de 20%, enquanto que nas gerenciadas pelo estado o percentual se eleva para 50%; o projeto oferece cursos de formação continuada para todos os professores com duração de aproximadamente 30 dias em várias localidades; o Estado não possui nenhum curso de formação específico para as comunidades da floresta; o setor de educação do CTA possui quatro cartilhas específicas para o ensino fundamental: Poronga (alfabetização), Livro dos Seringueiros (pós-alfabetização), Geografia do Seringueiro e Educação Matemática – e um material de suporte para leitura de textos – "Mapinguari: comedor de carne", livro de lendas tradicionais da cultura seringueira; quatro cartilhas estão sendo elaboradas para as áreas de produção de textos, educação para a saúde, ciências (com ênfase no tema do extrativismo) e artes (articulada com o projeto Mala de Leitura, uma espécie de biblioteca portátil levada ao seringal).

O projeto Seringueiro recebeu vários prêmios de relevância nacional e internacional, a saber: Menção Honrosa do Itaú-UNICEF, 1995; Formação Continuada de Professores, do Itaú-UNICEF, 1997; Prêmio Paulo Freire, 1998; Prêmio Semana da Amazônia, Nova York, 1998.

Embora não haja formação da equipe do projeto em EA nem ação específica para a questão, o seringueiro apresenta-se como uma experiência demonstrativa de peso para se trabalhar a questão da escola junto a populações tradicionais da Amazônia e de áreas de conservação de todo o país. A preocupação com a formação e o acompanhamento constante do professor leigo e a produção de material didático pelo CTA são dimensões relevantes do projeto.

As políticas públicas desenhadas pelo Estado de Mato Grosso, por exemplo, pautam-se na construção dos Projetos Ambientais Escolares Comunitários (PAEC), alicerçado pela necessidade do diálogo entre escola e comunidade. A aliança da educação escolarizada com a utopia concretizável da formulação de políticas em EA (MATO GROSSO, 2004).



Um desafio para o projeto é o desenvolvimento de um programa de EA para os seringais, que não são imunes a problemas ambientais. A questão sanitária, por exemplo, é um sério dilema nas áreas habitadas pelos extrativistas, que pode ser facilmente percebida nas andanças pelas colocações, onde, em geral, não há rede de esgoto e água. Também falta um programa de destino do lixo gerado nas áreas ocupadas pelos seringueiros.

Uma inspiração para esta formação pode ser dada pelo Órgão Gestor da Educação Ambiental, no diálogo entre MEC e MMA, que ao cuidar da escola, zela também pelo seu entorno.

Por meio de parceria entre governos federal e estadual, placas de energia solar foram instaladas em algumas colocações de seringueiros como no Seringal Cachoeira (Projeto de Assentamento Extrativista Chico Mendes). Além de melhorar substancialmente as condições de vida dos extrativistas, a energia solar por si só funciona como elemento importante no processo de educação em meio ambiente das populações da floresta. A energia solar irá atender a escola, o posto de saúde e a pousada do local, entre outros serviços.

Pode-se perceber que o sonho e as lutas de Chico Mendes junto com os seus parceiros extrativistas e povos indígenas têm conseguido alguns resultados, sem ter conseguido ainda efetivamente conter o processo de ocupação da Amazônia acreana pelo desmatamento. Sem dúvida, o Acre é um dos estados com o menor índice de desmatamento da Amazônia no período de 1977 a 2004, como podemos verificar na tabela abaixo.

Os povos da floresta ainda mantêm a chama dos ideários revolucionários de Chico Mendes à construção da heterotopia. Através do exemplo de sua luta, Chico Mendes configura-se como uma aspiração política, aos ecologistas do mundo inteiro. No cenário local da Amazônia acreana, o governo da Florestania ousa um novo conceito e prática de gestão pública. Ainda que mereça ser revisto, a ponta na direção de alternativas viáveis para a guinada política que concebia o significado polissêmico da qualidade de vida, ou dos índices de satisfação dos povos, ou ainda da concepção de felicidade. Embora sublinhemos a importância de Chico Mendes, faz-se notório atentar que sua luta jamais foi individual. Sua família, seus companheiros e seus aliados foram fundamentais à construção de uma sociedade sustentável, pautada no conceito foucaultiano da heterotopia coletiva.

Nesta nova geração, vamos encontrar a atual presidente da Fundação Chico Mendes, sua filha Elenira Mendes, que contava com quatro anos quando de seu assassinato foi a quem ele dirigiu suas últimas palavras ainda agonizando. Elenira hoje, uma moça crescida e já mãe de uma filha, tem diversos olhares sobre si em função de sua herança, que é nada menos do que ser filha de Chico Mendes, o que já não é pouco, e mostra-se bastante confiante em sua responsabilidade de dar continuidade ao trabalho desenvolvido por seu pai junto com seus companheiros, e na medida de suas possibilidades vem fazendo isso.

*.. olha, isso é, para ser sincera, é uma dor que a gente carrega prá toda a vida, né? não vou dizer que tem momentos que eu me sinto muito orgulhosa, pôxa, meu pai foi um homem que lutou, ele não teve medo, ele doou a vida dele por essa causa, ele foi, ele era apaixonado pela floresta, pela mata, e é uma responsabilidade muito grande pra mim como filha, porque essa é minha herança, né? a herança da luta dele, dos benefícios que ele deixou pra nossa cidade, pro país entendeu? então eu me sinto orgulhosa de ser filha dele, mas também me sinto como se tivesse perdido muito com isso, porque ele não pensou muito assim na família dele, ele pensou nesse sonho. Eu me sinto um pouco órfã mas também me sinto vencedora. Órfã porque ele se doou por essa causa e nos deixou sem a presença dele, e vitoriosa porque ele foi um herói praticamente, né? foi um herói, porque ele se doou inteiramente por isso... então é isso, eu acho que ele confiou em mim uma responsabilidade, eu acho que eu tenho por obrigação hoje de dar continuidade a tudo aquilo que ele queria, que de certa forma ele não conseguiu, mas ele deixou a mensagem, deixou a luta, e isso despertou o interesse do mundo, né?...<sup>5</sup>*

Aqui os sonhos amazônicos de justiça ambiental se renovam com a expectativa da consolidação de uma Amazônia para a sua diversidade biológica, com destaque para as ações e modos de uso do povo que nela habita e vive há séculos, sabendo que isso se dará efetivamente com a continuidade da luta desse povo que vive na floresta e da floresta, com um tipo de sabedoria que tem demonstrado ser adaptada para quem vive neste ambiente, pensando em viver e ser feliz, sem grandes aspirações dos sonhos de consumo do mundo capitalista, mas contribuindo efetivamente para o ensinamento sobre modelos de gestão de florestas em bases sustentáveis.

---

<sup>5</sup> Entrevista com Elenira Mendes Gadelha, filha de Chico Mendes, gravada em Rio Branco, em 11 de fevereiro de 2006, em gravador Powerpack Digital Player DVR–SD3850.

## **Um diálogo inicial com os povos indígenas na atualidade**

Com a chegada dos migrantes oriundos do Nordeste para ocupar as regiões dos seringais se estabelecem os primeiros conflitos entre esses povos indígenas e esses seringueiros, que cumprem o papel de exército a serviço dos seringalistas na efetivação do extermínio e expulsão dos povos indígenas, expulsos de suas terras, transformando aqueles que se submeteram também em seringueiros.

Os seringueiros que serviram como instrumento de seringalistas para desalojar estas etnias de suas terras, para transformá-las em seringais produtores do látex com potencial econômico viabilizador do enriquecimento destes seringalistas, comerciantes do Amazonas e Pará, foram trazidos do Nordeste de ambiente totalmente diverso do amazônico para aprenderem a viver na e com esta floresta e comer e serem comidos da e pela floresta, também com grande sabedoria e prazer.

O conflito entre os povos indígenas, que viviam e vivem na região do Acre, e os seringueiros que foram trazidos para a exploração da seringa, é extremamente presente na memória dos povos da região, transformando-se em referência tanto para o entendimento do processo de dominação, por parte dos invasores chegantes, bem como no fortalecimento das lutas pela retomada da identidade cultural desse povo e de seus direitos, pela posse da terra ocupada imemorialmente por seus ancestrais.

Em entrevista com o índio Huni-kuim, ou Kashinauá, líder e chefe da comunidade do Jordão, que também foi vice-prefeito do município, podemos perceber claramente a consciência da expropriação dos direitos de seu povo para atender a uma política de ocupação da Amazônia, dentro do avanço do capitalismo nessa região, a partir da chegada dos brancos para explorar a seringa na produção do látex, com grande valor comercial no mercado internacional, onde a memória dos confrontos continua viva e presente nesse povo.

*Nós tivemos ali de primeiro nos 1817, nós tivemos esse confronto grande, né, 1800 e parou aí no início de 1900, né, esse confronto com os seringueiros... até próprio 1950 período de meu pai, eu peguei já no finalzinho desse confronto com os seringueiros, que é de 1964... eu ainda peguei no finalzinho, ainda enfrentei eles alguns no caso de arrenda de estrada, ocupação de terra... essa confronto com entre os patrões, né? a ocupando as terras do estado do acre, principalmente os cearenses, nordestinos, né? os baianos né, que vieram pra cá.... ocuparam a terra, eles tinha dinheiro, trazia pessoa de fora... abria a colocação,*

*né?, o seringal e ocupava a estrada, né? essa estrada seringa, nos massacraram, né? eles tinha arma de fogo e nós tinha flecha, cumé que nos ia enfrentá embora que nós somos pajés.... mas essa coisa de avanço, né? que pega longe... mataram 90% de nossa população aqui com isso... perdemo muita coisa, de nossa base de medicina, nossa língua e todo nosso modo de vida em geral...<sup>6</sup>*

## **Considerações finais**

Os usos e abusos no manejo da floresta amazônica, principalmente nas últimas décadas, mostra que a mesma vem sendo “comida” vorazmente pelo modelo de ocupação em implementação, principalmente a partir da década de 1960, com a intenção dos governos da ditadura militar brasileira de integrá-la a outras regiões do país, principalmente ao Centro-Sul, verdadeiros centros de consumo de recursos naturais à custa de rápidos processos destrutivos da biodiversidade, bem como das formas equilibrada e inteligente das relações sociais.

O que se tem para comer, da forma que se come e como se é comido, tem a floresta amazônica como prato principal, o grande cardápio portador de todos os ingredientes necessário para se degustar um verdadeiro manjar dos deuses, os maiores néctares a disposição do paladar para os mais diversos gostos.

Os povos da floresta secularmente vêm utilizando o seu vasto conhecimento dela para tirar seu sustento e sua forma de viver, desde comida, moradia, roupa, sua crença, seus rituais místicos e profanos, portanto, seu alimento físico e espiritual, oferecido e tirado da floresta através do extrativismo, como mostra a sabedoria dos povos indígenas e dos seringueiros.

Aqui se dá a degustação antropofágica da floresta na máxima de sua essência, portanto, um cardápio em educação ambiental estruturado a partir da Amazônia acreana dialoga primeiramente com a estrutura ecológica da floresta, com sua biodiversidade e com os conhecimentos gerados pelo povo que nela vive, reconhecendo-se a importância da contribuição do conhecimento produzido e disponibilizado pela comunidade científica sobre toda a complexa cadeia ecológica contida.

Saborear a floresta por meio do extrativismo acontece em uma escala que possibilitou a mesma manter-se em sua integridade biológica, trouxe impactos em pequena escala, compatíveis

---

<sup>6</sup> Entrevista com Sian, cacique Huni-Kuin ou Kashinawá, gravada em Rio Branco – AC em 02/02/2006 em gravador Powerpack Digital Player DVR–SD3850

com um modo de vida ligada às necessidades básicas da subsistência das espécies ali presentes, inclusive a humana, e esse estar gastronômico garantiu a exuberância desse ecossistema com dimensões continentais e com reconhecimento de sua importância para a manutenção da biodiversidade e como espaço de vida de povos únicos e peculiares.

A Amazônia acreana tem se transformado nas últimas décadas em um espaço onde cada vez mais se concentram interesses divergentes, estando inserida no cenário nacional como uma região que tem importância estratégica para a política de “desenvolvimento” da região amazônica, tendo potencializado nas últimas três décadas debates e divergências entre diversos atores sociais presentes no estado e com repercussão nacional e internacional.

Com anos de conflitos presentes no estado do Acre, primeiro entre povos indígenas e seringueiros e depois entre os seringueiros e os fazendeiros “paulistas”, culminando com o assassinato de diversos trabalhadores extrativistas, principalmente índios e seringueiros, o assassinato de lideranças expressivas como Wilson Pinheiro, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Brasiléia e Epitaciolândia, no ano de 1980, e do líder seringueiro e ambientalista Chico Mendes, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri, no ano de 1988, a questão da defesa de um modelo de economia com base no extrativismo ganha repercussão mundial pelo reconhecimento de uma forma de manejo da floresta em bases sustentáveis, permitindo a manutenção da mesma em pé, sem a sua destruição.

A luta dos seringueiros pelas reservas extrativistas ecoou mundo afora contribuindo decisivamente com a incorporação definitiva, pelo movimento ambientalista, da ligação umbilical entre a defesa da floresta e das sociedades que nela vivem há decênios, e centenas de anos ajudando a protegê-la.

Com o assassinato de Chico Mendes, em dezembro de 1988, o governo brasileiro foi pressionado por instituições governamentais, não-governamentais e intergovernamentais a adotar políticas públicas socioambientais para a Amazônia, onde os índices de desmatamento sobem em escala galopante. Apesar dessas políticas se chocarem com projetos desenvolvimentistas realizados pelos próprios governos federal e estadual, o componente ambiental é referência obrigatória no processo de formulação de planos econômicos para a região amazônica.

No plano estadual, o movimento dos extrativistas desembocou num questionamento político de fundo à política tradicional, que tem sido praticada no Acre desde que ele foi

oficializado como estado, em 1962. A princípio conduzida por seringalistas e posteriormente por agropecuaristas, a política tradicional, banhada de violência e corrupção, deu suporte à devastação da mata. Essa exploração predatória “tem muito a ver com a falta de processos democráticos e transparentes de gestão das políticas públicas, que foram “privatizadas” entre determinados grupos políticos e econômicos do estado e de fora, para atender seus próprios interesses” (ACRE, 1999, p. 4).

O componente humano foi assumido de maneira mais firme nas políticas ambientais, que passaram a reconhecer a importância de vários projetos econômicos de associações de extrativistas e pequenos agricultores para a efetivação do conceito de desenvolvimento sustentável na Amazônia. As reservas extrativistas, concebidas pelos seringueiros em articulação com os ambientalistas, multiplicaram-se em toda a região, seja no modelo de unidade de conservação de uso direto do IBAMA, seja no de assentamento extrativista, modalidade criada pelo INCRA em resposta à pressão do movimento sindical em sua luta pela reforma agrária em áreas de conflito na floresta.

### Referências

- ACRE. Governo do Estado do Acre. **Programa estadual de zoneamento ecológico-econômico do Acre - diretrizes básicas**. Rio Branco: SECTMA, 1999.
- GONÇALVES, J. A. **Levantamento e experiências em educação ambiental na Amazônia - primeira análise das experiências em educação ambiental nos Estados do Acre e Rondônia**. Brasília: WWF-Brasil, 1999.
- MARTINS, Edílson. **Chico Mendes, um homem da floresta**. Folha do Amapá, 10 dez. 2004.
- MATO GROSSO. Secretaria de Estado de educação. **Projeto de educação ambiental (PrEÁ)**. Cuiabá: Tanta Tinta & SEDUC, 2004.
- Revista Chico Mendes**, Rio Branco, 1989. Disponível em: <<http://www.chicomendes.org/seringueiros11.php>>. Acesso em: 17 mar. 2013.
- SOUZA, Carlos Alberto Alves de. **História do Acre: novos temas, novas abordagens**. Rio Branco. Edição do autor, 2002.

**161** MEDEIROS, Heitor Queiroz; SATO, Michèle. Educação e sustentabilidade socioambiental no Estado do Acre na Amazônia brasileira.

Heitor Queiroz Medeiros - Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). Campo Grande | MS | Brasil. Contato: medeiros.heitor@gmail.com

Michèle Sato - Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Cuiabá | MT | Brasil. Contato: michelesato@gmail.com

Artigo recebido em: 31 mar. 2014 e  
aprovado em: 23 abr. 2014.